ISSN 2447-9357

POLÍTICAS DE APROVEITAMENTO DO RIO ARAGUAIA: UMA MEDIDA PARA CONTRAPOR A TEMPORALIDADE E O DISTANCIAMENTO DOS SERTÕES DE GOIÁS NO SÉCULO XIX.

Pedro Henrique Pereira[1],
Maria de Fátima Oliveira[2]

1 Graduando do 3° ano de História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: pedro_henriquephp@hotmail.com
2 Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Doutora em História (UFG). E-mail: proffatima@hotmail.com

Resumo: De acordo com os relatos de inúmeros viajantes que visitaram os sertões de Goiás no século XIX, é possível perceber que o isolamento da província é tido como um dos principais entraves ao seu desenvolvimento após o esgotamento da produção aurífera. Pela análise da produção historiográfica do século XIX e XX, nota-se uma forte tendência da aceitação de que após o período de intensa exploração mineratória no século XVIII, o território goiano teria entrado em profunda "decadência". Esse conceito foi vastamente utilizado pelos viajantes europeus e se tornou tendência no discurso das elites políticas, principalmente pelos presidentes da província, e até mesmo por historiadores. Desse modo, esta reflexão busca analisar no discurso do presidente da província Joaquim de Almeida Leite Moraes, a visão de um Goiás atrasado e decadente, mostrando suas ideias e argumentos políticos para reverter este cenário, visando integrar a província ao império, por meio da utilização das vias fluviais. Segundo Moraes, o aproveitamento dos rios Araguaia e Tocantins para a navegação seria a solução para retirar Goiás do "isolamento", e a melhor maneira para estabelecer o comércio com as províncias do Mato Grosso, Pará e Maranhão. Desta forma, poder-se-ia ajustar o sertão goiano aos padrões modernos e civilizados, iniciados no início do século, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil. Importante lembrar que a defesa de investimentos nas vias fluviais como meio de transporte foi defendida também por outros administradores de Goiás, como por exemplo, Couto de Magalhães.

Palavras-chave: Sertão, Rio Araguaia, Goiás.

ISSN 2447-9357

Introdução

O discurso de crise econômica, esgotamento do ouro e a retórica da decadência, assumiu um caráter identitário para o sertão goiano no século XIX (SANDES, 2012). Nota-se que os relatos dos primeiros viajantes como o do Pe. Silva e Souza em 1812 já possuem características desta modalidade discursiva, também perceptível nos relatórios dos presidentes de províncias e dos funcionários públicos que relatavam a situação da província para a corte em Lisboa. Um pouco característico deste discurso são as críticas à situação econômica, a decadência e o atraso, mas também é comum encontrar trechos onde estes viajantes elogiam a natureza e revelam auspiciosas possibilidades de sucesso da economia e da sociedade goiana no futuro.

> Eu vejo reduzidos à sociedade civil tantos milhões de habitantes selvagens, que nos rodeiam, tornando em cidadãos úteis e laboriosos, vejo povoados as margens de tantos rios navegáveis girando por todas as partes as embarcações com produtos do país (...). Vejo adiantadas as artes e as ciências, promovida a indústria, animado o comércio, penetrados os sertões e descobertas as suas preciosidades... (SILVA E SOUZA, 1967, p. 76)

A distância e as péssimas estradas continuaram no século XIX como fortes argumentos para justificar o chamado isolamento da região, entretanto, segundo o historiador Nasr Fayad Chaul (1997, p. 37) estas estradas não representavam um caminho intransponível, pois vários aventureiros arriscavam os caminhos e obstáculos afim de buscar o elemento estimulador: o ouro. Podemos fazer um levantamento das condições e situações causadas pela temporalidade e distanciamento, que culminou no chamado isolamento da província, em relação às províncias litorâneas. A distância cria um ritmo, onde a sociedade se acostuma a ele, e todas as atividades parecem girar em torno desse ritmo, como o tempo para transportar mercadorias de Goiás ao litoral, ou de receber cartas e notícias, e não raro na historiografia brasileira, a distância é representada como fator de grande relevância para as relações de poder, tanto no período colonial, como império (Lemes, 2012, p 113). Com esse ritmo mais lento, obtém-se uma reposta tardia, isto se provou um elemento difícil, principalmente para os presídios que se estabeleceram ao longo do Araguaia e precisavam de guarnições e forças militares frequentemente, devido aos ataques indígenas, como é o caso do presídio de Santa Maria (Laranjeira, 2006) e também dos próprios arraiais e a capital que muitas vezes

ISSN 2447-9357

necessitavam de algo importante, e sofriam com a demora, devido ao ritmo prolongado, em que as províncias se comunicavam.

Assim, de acordo com Doles (1973), no início do século XIX o sargento-mór Barata, atribuía a "decadência" da província à falta de produção agrícola e a ausência do comércio, devido ao cunho subsidiário que permanecia até este século, causado pela resistência dos mineiros em abandonar totalmente suas lavras e sobre os impostos cobrados pelos produtos agropastoris.

> O comércio fluvial seria uma realidade apenas quando a agropecuária se desenvolvesse na região dos rios Tocantins e Araguaia, pois através dela formar-se-iam excedentes exportáveis, o povoamento seria possível e os navegantes teriam abastecimentos e socorros na transposição dos obstáculos naturais (DOLES, 1973, p. 31).

Nos últimos anos do Brasil colônia, notou-se que o governo procurou motivar o povo mediante a concessão de sesmarias, isenção parcial dos impostos cobrados por seis anos sobre as produções destinadas à exportação como anil, algodão, café, e açúcar. E como medida para incentivar a fixação dos colonizadores nesta terra, propunha ainda que fossem agraciados com o título de cavaleiros fidalgos a aqueles que permanecessem na zona dos rios por mais de quatro anos e se estabelecessem com mais de cinquenta escravos (DOLES, 1973, p. 32).

Já neste período se viu necessário o reconhecimento do rio para sua navegação. Na obra da historiadora Dalísia Doles, *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX* (p. 21) é possível observar alguns dados referentes ao rio Araguaia, no qual nos interessa para a compreensão das dificuldades e planejamentos políticos para a sua navegação. O rio Araguaia tem suas nascentes localizadas na serra Caiapó, no sudoeste do estado de Goiás, e durante seu curso percorre cerca de 2.115 mil quilômetros que dividem-se em dois braços que formam a ilha do Bananal. A autora se baseia no relatório do engenheiro Gaffré[1] para afirmar que o rio é extenso e bem largo, entretanto não possui muita profundidade, o que causa a erosão das margens e durante os períodos de seca a navegação se torna impraticável e perigosa durante as cheias.

Sob o ponto de vista da navegabilidade, o Araguaia compreende-se em cinco trechos, da foz às cabeceiras, totalizando 2.115 mil km, e durante todo seu trajeto nota-se obstáculos para a navegação, sendo os principais localizados no Baixo Araguaia: Corredeiras de Coco,

[1] GAFFRÉE, C. L. Relatório da Comissão dos rios Tocantins e Araguaia. Ministério dos Transportes, datilografado. In: DOLES, D. E. M. As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX. Goiânia: Oriente, 1973. p. 22, 23.

ISSN 2447-9357

São Vicente e São Bento. Médio Araguaia: Cachoeiras dos Turcos, Santa Isabel, São Miguel, Pau d'Arco, Jacuzão, Pacuzão e Grande. Também há os perigosos travessões de Santa Maria Velha, Correirinha, Joncon, Três pontes e Barreiras, e as corredeiras da Barreira, da Piranha e Caiapós.

Com o forte interesse na navegação do Araguaia desde o final do século XVIII, em 1782 é empreendida a primeira tentativa de estabelecer intercambio fluvial, organizada pelo governador do Pará José Napoles Tello de Menezes onde iniciava comércio com o norte da capitania, através do rio Tocantins. Em 1791 sob gestão de Souza Coutinho é formada uma sociedade mercantil com o objetivo de exploração da navegação do Araguaia e Tocantins. Para o sucesso da navegação fluvial, inicia-se o estabelecimento de vários povoamentos ao longo do rio, entretanto revela-se nos anos 50 do século XIX á após o fim do período colonial que os rendimentos do Araguaia são insatisfatórios e o mesmo se mostra despreparado para tal empreendimento. No ano de 1851 surge a nova Sociedade Mercantil do Araguaia, mas no ano de 1854 já é dissolvida e o atual presidente, Antônio Candido da Cruz mostrou-se desencantado (DOLES, 1973, p. 81) em relação à navegação fluvial.

Uma das razões para o fracasso da Companhia Comercial do Araguaia era o distanciamento dos povoados. Devido à dificuldade de comunicação entre os presídios e a capital, vários fatores culminaram no fracassado de inúmeras instalações, como o presídio de Santa Maria que era constantemente atacado pelos indígenas, até ser estabelecido definitivamente 1861. Neste momento, o interesse em navegar o Araguaia e estabelecer comércio com as províncias vizinhas pareceu ter desaparecido por acreditar-se ser impossível devido às dificuldades, contudo, Couto de Magalhães insiste que a navegação pode ser realizada, demonstrando a vantagem em fazer o transporte fluvial em relação ao terrestre.

Através da demonstração de dados comparativos, o Presidente da província Couto de Magalhães conseguiu convencer o empreendimento da navegação fluvial através da possibilidade de transportar uma maior quantidade de produtos utilizando os barcos, do que por via terrestre, que demandaria mais custos e tempo. A vontade intrépida de Couto de Magalhães em desenvolver a navegação no Rio Araguaia e seu pioneirismo resultou na encomenda de um barco a vapor em 1868, e após uma cerimônia ao som do hino nacional, foi inaugurado no rio Araguaia, a navegação a vapor. Este momento dentro da realidade goiana é marcado por um forte sentimento de civilização e desenvolvimento, um momento onde seria

ISSN 2447-9357

possível romper com as distâncias e transformar a realidade da capitania que fora indiscriminadamente chamada de decadente após a ausência do ouro.

Embora instalada em 1868, a navegação a vapor no Araguaia só será implantada em 1870, década onde a empresa de navegação viveu três etapas diversas. A primeira, de três anos, caracterizada pelo vigor, durante administração de Couto de Magalhães, a segunda entre 1874 e 1878, colocada sob jurisdição do governo provincial onde sofre lenta estagnação e por fim, em 1778, um novo contrato foi assinado com o comerciante João José Corrêa de Moraes e a navegação sofre novo impulso.

> Dos que a história registra que viajaram e trabalharam pela navegação do Araguaya: - capitão-general D. João Manoel de Menezes, que por ordem do Marquez de Pombal subiu o Pará até onde pudesse subir e chegou ao logar em que está a ponte do Carmo, da cidade de Goyaz; Conde de Castelnau; o Bispo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, mais tarde Arcebispo da Bahia; Dr. Antônio Florencio Pereira do Lago, chefe de uma comissão scientífica e cujo relatório é uma descripção magistral da navegabilidade do Araguaya; dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, ex-presidente de Goyaz e lente da Academia de S. Paulo, cujas impressões gravou brilhantemente no seu livro *Apontamentos de Viagem*, e outros de que ora não me lembro; - nenhum descreveu melhor, nem prestou tantos e tão reaes serviços à cathechese e à navegação no Araguaya como o General Couto de Magalhães, que, pelas incessantes travessias sertanejas, foi, com muita propriedade e incontestável justiça, appellidado o Levingstone brasileiro. (MAGALHÃES, 1934, p. 19).

Certamente não cabe a este artigo o detalhamento de todas as características que ocorreram no período de navegação do Araguaia, entretanto, na literatura é possível encontrar os relatos de viajantes brasileiros, como no caso dos presidentes da província Couto de Magalhães e Joaquim de Almeida Leite Moraes que navegaram o Araguaia e registraram seu olhar diante das dificuldades e belezas ao longo do rio. Portanto, é pelo ~~sob o~~ olhar de Joaquim Leite Moraes, presidente da província de Goiás no ano de 1881 que analisaremos a capitania neste período, onde podemos analisar o discurso frequentemente utilizado de província decadente no intervalo de quase um século.

Dentro do discurso de Joaquim Leite Moraes, podemos perceber a influência dos viajantes que visitaram a província goiana no início do século XIX. Em vários momentos durante a leitura de sua obra *Apontamentos de viagem* publicado em 1883 é possível notar a presença do termo “decadência” em seu discurso, principalmente quando se refere aos arraiais, povoamentos e até mesmo a capital Vila Boa. A obra de Leite Moraes se caracteriza como literatura de viagem, onde é registrado seu dia a dia detalhadamente em cada uma de suas páginas, podendo-se notar que sua leitura expõe suas experiências pessoais, que é o foco deste artigo, pois nos apresenta um paulista orgulhoso de suas origens (bandeirante) e à

ISSN 2447-9357

medida que critica as condições dos arrendamentos goianos é possível perceber um interesse em fazer prosperar estas regiões. No início da leitura, encontram-se os motivos para elaboração de um livro:

> E este modesto livro será um pálido reflexo de tudo quanto observei nessas regiões, em grandes partes ainda dominadas pelos selvagens, nessa natureza virgem, exuberante de seiva, a transportar de riqueza, que assombra que se vê, que se apalpa, classifica-se e discrimina-se. (MORAES, 1995 p.36).

Leite Moraes é presidente da província por apenas um ano, após isso decide retornar para casa, todavia, encontra-se em uma situação que muito o desfavorece, durante a viagem de ida para a província goiana, o Presidente adquiriu hemorroidas, que o impossibilitava de voltar a cavalo, portanto, decidiu retornar através da navegação do rio Vermelho, até chegar a Leopoldina e embarcar em um barco a vapor com destino à Santa Maria, para depois chegar até a província do Pará e ~~chegar~~ de lá até São Paulo navegando o atlântico. Quando chega a Leopoldina, decide explorar a cidade, a fim de fazer um reconhecimento da cidade responsável pelo porto, e em suas palavras diz:

> À vista da Leopoldina o rio Vermelho mistura as suas águas com as do grande rio que se estende além, majestoso, imponente e soberbo! Os vapores e botes fundeados no porto, os marinheiros cruzando-se nos tombadilhos, a fumaça do vapor que move as máquinas da oficina, carga e descarga, gritos e cantos, eis o progresso disputando à barbárie os seus velhos domínios. (MORAES, 1995, p. 128).

Por meio do discurso de Leite Moraes é possível perceber o encanto pela natureza, mas também a necessidade de ver a província frente ao progresso. Isso não torna seu discurso diferente do de outros Presidentes, entretanto o fez em uma obra literária, onde poderia expor suas ideias pessoais em ver o desenvolvimento de Goiás.

Portanto, o objetivo deste artigo está ligado principalmente projetos para o aproveitamento do rio Araguaia, elaborados pelos administradores como forma de promover o desenvolvimento da província goiana fortalecendo os laços comerciais com as províncias vizinhas e afastando-a da sombra do ouro em Goiás (MOREYRA, 1982) sob o objetivo de transformar este território em uma província moderna e integrada, como as do litoral. Discutir o Rio Araguaia neste período se torna algo indissociável do interesse político das elites, principalmente no século marcado por tantas rupturas e continuidades onde a colônia se torna império e há um surto de modernização no Brasil. A navegação do Araguaia, proibida durante o período da intensa produção aurífera devido ao contrabando do ouro, torna-se, a partir do

ISSN 2447-9357

seu esgotamento, a melhor oportunidade para reerguer a situação econômica da província e para manter ativos vários arraiais e presídios nas margens desse rio.

Referencial Teórico

Para além do estigma de decadência frequente no discurso historiográfico relacionado à província goiana, é notável o interesse das elites políticas em civilizar este território. Dentro dos vários relatos de viajantes no início do século XIX sobre as características da arquitetura e a sociedade, é possível notar como as mesmas críticas se repetem em cada um desses documentos, e como isso alimenta o imaginário do restante do país sobre uma região atrasada, e conhecida como a mais inferior de todas as províncias do Brasil (Silva e Souza, 1967). Os documentos produzidos no início desse século sobre a "decadência" em Goiás contribuíram para a criação de uma identidade local (Sandes, 2002), conhecida e divulgada nas províncias vizinhas. Em 1883, quase um século após a criação deste estigma sobre a região goiana, é lançado o livro de memórias escrito por Joaquim de Almeida Leite Moraes, presidente da província de Goiás no ano de 1881. Nesta obra, Leite Moraes explica que partiu de São Paulo para assumir a posse da presidência da província com encargo de fazer cumprir uma lei federal. Ele relata as experiências e as dificuldades da viagem ao interior de Goiás, principalmente a visão dos paulistas sobre o sertão, o cerrado goiano e sobre as margens do Araguaia. Alertado dos riscos que havia em navegar o Araguaia, como as ameaças dos índios traiçoeiros, a febre paludosa e também a frequente insubordinação dos tripulantes dos botes, faz também sua própria crítica aos sertanejos e seu cotidiano. Moraes, à medida que se aproxima da província, relata em seu livro: "(...) E, como meus antepassados, afrontei todos os perigos das matas, dos rios, das feras, dos selvagens, tomando todos os meios de locomoção pela barbaria e depois aperfeiçoados pela civilização*"* (MORAES, 1995, Pág. 35).

Quando chega à capital goiana, Leite Moraes comenta e descreve a situação do palácio, "Casa grande, térrea, baixa, à semelhança de um barracão provisório, construção antiquíssima, contemporânea dos capitães-mores, sem arquitetura; finalmente um difícil reconstruído mil vezes e sempre demandando novos reparos e consertos!" (MORAES, 1995, Pág. 104).

A historiografia goiana mais recente tem se esforçado no sentido de problematizar, questionar e desconstruir o conceito de decadência para Goiás. Nesse sentido, podemos destacar os estudos de Bertran (1994) e (Chaul (1997), nos quais os autores mostram que após

ISSN 2447-9357

o esgotamento das minas auríferas, o território goiano encontrou outras formas de desenvolvimento compatíveis com sua situação econômica e que isso contribuiu para a formação de um modo de vida próprio do *cerratense*. O "isolamento" era o mesmo da época do auge da mineração, e a tão conclamada "decadência" foi um discurso construído principalmente por viajantes e administradores, como o de Leite Moraes. A escrita de Moraes possui representações e significados múltiplos. Segundo a historiadora Pesavento, esse tipo de literatura pode apresentar elementos ficcionais, sendo também possível encontrar verossimilhança com a realidade, embora a linguagem do historiador também possua esses elementos, responsáveis na reconstrução do passado.

> No caso, este entendimento da História como uma narrativa sobre o passado liga-se ao conceito da representação, que encarna a ideia de uma substituição, ou ainda da presentificação de uma ausência. Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá o nome de imaginário, a Literatura e a História teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo. (PESAVENTO, 2003, p. 33).

Portanto, cabe a este artigo analisar os projetos de aproveitamento do rio Araguaia na visão de Leite Moraes, e principalmente suas críticas sobre o estado econômico e a sociedade em Goiás no século XIX, sob o estigma de decadência, e como essa visão de um Goiás empobrecido continuou sendo transmitido para o restante do país com a publicação deste livro.

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica do tema, buscando compreender como o mesmo foi abordado pela historiografía. Em seguida, procede-se à leitura atenta do livro do presidente Leite Moraes destacando os pontos mais relevantes para os ojetivos propostos. Efetuou-se também leituras dos relatórios dos presidentes da província em busca de dados sobre uma política, planos e metas para o aproveitamento do rio Araguaia. O estudo desses relatórios tem como foco principal a atuação de Couto Magalhães por ser este Presidente da Província o que mais forte atuação teve em prol do desenvolvimento da navegação do Araguaia e a de Joaquim de Almeida Leite Moraes, que também foi Presidente da Província em 1881, deixando como resultado de sua atuação, o livro *Apontamentos de Viagem.* O acesso a esses documentos é relativamente fácil, pois os mesmos encontram-se impressos em periódicos ou digitalizados.

ISSN 2447-9357

A partir dos dados coletados, o trabalho se pautou na análise desse material em busca de respostas às questões colocadas, e de um conhecimento sistematizado sobre o tema. A pesquisa também utilizou outras fontes como a imprensa e os relatos de viajantes que visitaram a região no referido período, visando uma melhor compreensão da temática no contexto histórico do século XIX. Esse amplo acervo documental permitiu um entendimento significativo sobre o período, no que se refere à ação política voltada para o rio Araguaia e sua importância como meio de comunicação e integração nacional, visto que, o conteúdo dos relatórios dos presidentes da província apresenta apenas uma versão da realidade estudada.

Resultados e Discussões

Esta reflexão abre espaço para o diálogo sobre um período importante da história de Goiás, contribuindo para evidenciar as rupturas e continuidades historiográficas em relação à tendência do discurso de decadência da província no século XIX. Discussão sobre a construção de uma identidade goiana estagnada e um presente esforço de reverter este quadro econômico, com uma tradição de agricultura e pecuária, e principalmente como os rios foram fundamentais para o estabelecimento de novos povoamentos e para encurtar a distância e o isolamento em relação às outras regiões do país. A análise possibilitou compreender o pensamento de Leite Moraes e de outros administradores da província sobre a situação do território goiano no período e seus projetos de desenvolvimento para a província.

Conclusão

Este artigo buscou analisar o território goiano sob a ótica do presidente da província Joaquim A. Leite Moraes, com foco central na questão da navegação do rio Araguaia. A reflexão procurou responder aos questionamentos colocados sobre a importância desse rio no discurso econômico do século XIX frente às necessidades de solucionar a crise decorrente do esgotamento das minas e a chamada “decadência”. Ficou evidente o importante papel que este rio desempenhou na penetração, conquista e povoamento do interior do território goiano, apesar das inúmeras dificuldades para torná-lo francamente navegável. Pelo discurso de Moraes, percebe-se a visão que se tinha deste rio no período e principalmente a compreensão das políticas e projetos de incentivo da navegação do rio Araguaia na visão dos governantes.

Referências

ISSN 2447-9357

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. **Fronteiras e Conquistas pelo Araguaia – Século XIX.** Goiânia: Kelps, 2002.

CHAUL, Nasr Fayad e Luís Sérgio Duarte da Silva. **As cidades dos sonhos**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2005.
CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

MAGALHÃES, Couto de. **Viagem ao Araguaia**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1934.
DOLES, Dalísia E. Martins.**As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX**. Goiânia: Oriente, 1973.

LEMES, Fernando Lobo. **Governo colonial, distância e espera nas minas e capitania de Goiás**. Topoi. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 112-129, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.revistatopoi.org>.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. . **Rio acima, Rio abaixo, Sempre o Rio: sonhos de ontem, dilemas de hoje**. In: Gercinair Silvério Gandara. (Org.). Rios e Cidades... Olhares da História e Meio Ambiente. 1ed.Goiânia: PUC, 2010, v. R586, p. 1-267.

RELATÓRIOS dos Presidentes da Província de Goiás. Disponível em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/goias.

MORAES, J.A. Leite. **Apontamentos de viagem**: introdução, cronologia e notas, Antônio Candido. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de - "**Viagem à província de Goiás".** São Paulo: Fino Traço Editora, 2011JORDÃO,

SANDES, Noé Freire. **Memória e região** / organizado por Noé Freire Sandes, com artigos de Cristiano Alencar Arrais – Brasília: Ministério da Integração Nacional : Universidade Federal de Goiás, 2002.